



para todas as crianças



O NÃO REGRESSO À ESCOLA CHEGOU. O casamento infantil é uma realidade.

Porque temos de falar da crise mundial na educação e das crianças que não estão a aprender?

Setembro é o mês do não regresso à escola para as 244 milhões de crianças, entre os 6 e os 18 anos.

As razões para as crianças não estarem a aprender são várias. A pobreza continua a ser o maior obstáculo. As crianças que vivem em situações de vulnerabilidade económica, instabilidade política, conflitos ou desastres naturais têm maior probabilidade de estar fora da escola – o mesmo para as crianças com deficiência ou de minorias étnicas.

As crianças que não estão nas aulas são um dos grupos mais vulneráveis da nossa sociedade. Saber ler, escrever, somar ou subtrair é uma realidade distante para muitas delas, e estão longe da rede de suporte e apoio que as escolas oferecem, o que as coloca em maior risco de exploração e num possível trajeto de vida marcado pela pobreza ou privação.

O risco de violência, casamento infantil e de serem obrigadas a trabalhar existe. Antes da pandemia, estimava-se que mais de 100 milhões de raparigas viriam a casar antes dos 18 anos até 2030. Atualmente, a esse número juntam-se mais 10 milhões de raparigas que estão em risco de casar. O trabalho infantil também aumentou nos últimos anos. Sabemos que quanto mais tempo estiverem na escola, mais protegidas estarão de serem forçadas a trabalhar ou casar, e de serem vítimas de violência.

Mesmo na escola, a falta de professores qualificados, recursos pedagógicos inadequados ou infraestruturas fracas tornam a aprendizagem difícil para muitos alunos. Outros não beneficiam das aulas quando vão para a escola com fome, doentes ou exaustos das tarefas domésticas ou do trabalho forçado.

Estima-se que, atualmente, 70% das crianças, aos 10 anos, não conseguem ler e compreender um simples texto, nos países de menor rendimento – isto significa que, numa sala de 40 crianças, 28 não sabem ler.

244 milhões de crianças não regressaram à escola este ano, e muitas das que o fizeram não estão a adquirir competências básicas.

7 em cada 10 crianças com 10 anos de idade não sabem ler um texto simples, nos países de menor rendimento.

1 em cada 10 crianças no mundo está envolvida em trabalho infantil, num total de mais de 160 milhões de crianças.

Neste regresso às aulas, precisamos de um novo normal: colocar as crianças na sala de aula, aferir o que estão a aprender, garantir o apoio necessário para a recuperação das aprendizagens essenciais, e assegurar que os professores têm a formação e os recursos necessários. A recuperação das aprendizagens é crucial para o sucesso ao longo da vida.

Quem são as crianças fora da escola?

A região da África subsariana continua a ter o maior número de crianças fora da escola, 98 milhões, e é também a região na qual o número continua a crescer. A pobreza na aprendizagem, ou seja, as crianças que aos 10 anos não sabem ler nem escrever, atinge 89% das crianças. Na América Latina e no Caribe, estima-se que atinja 80%, um aumento face ao verificado pré-pandemia.

Em Portugal, nem todas as crianças e os jovens que estão inscritos na escola, estão a aprender ou envolvidos num processo de aprendizagem. Apesar de não serem consideradas em situação de abandono escolar, tal como este é definido oficialmente, estão, na verdade, numa situação de exclusão.

São também as crianças em situação socioeconómica mais vulnerável quem mais perde. A pertença a uma etnia, como a etnia cigana, continua a estar associada a maior insucesso e maiores taxas de abandono. As desigualdades têm impactos importantes no acesso à educação, bem como na progressão e sucesso educativo de crianças e jovens.

Desde 2017, foram registados cerca de 600 casamentos infantis em Portugal. O casamento antes dos 18 anos, sendo uma violação de direitos humanos, é uma forma de violência que coloca em risco a saúde da criança e com efeitos negativos, nomeadamente de gravidez precoce, maior risco de violência doméstica e menor escolaridade e abandono escolar.

Em 2021, as Comissões de Promoção de Proteção de Crianças receberam 6.445 comunicações de perigo, nas quais estava em causa o direito à educação (designadamente, abandono escolar, absentismo escolar, insucesso escolar, entre outras). No mesmo ano, 76 das situações de perigo comunicadas relacionavam-se com exploração infantil (nomeadamente, exploração do trabalho infantil, utilização da criança na prática mendicidade, entre outras).

Os efeitos das medidas de combate à pandemia, com o possível aumento da precariedade e das condições socioeconómicas nas famílias, podem traduzir-se num agravamento das desigualdades já existentes e aumento das situações de vulnerabilidade.

Sem uma ação urgente, podemos assistir a uma catástrofe geracional.

Torna-se premente uma atuação preventiva e coordenada entre as diversas instituições com responsabilidade nas áreas da educação e da ação social (como Governo e autarquias) e da comunidade educativa em geral. Nas situações já identificadas ou em risco, uma ação consequente junto das crianças e das suas famílias pode fazer a diferença na vida e no futuro da criança. As autarquias, juntamente com as entidades locais, têm um papel preponderante na implementação de programas contextualizados de combate ao insucesso, absentismo e abandono escolar.

É preciso construir ou consolidar ferramentas de recolha e análise dos diferentes indicadores socioeducativos, monitorizar os dados e acompanhar o percurso escolar de cada criança, identificando fatores de alerta.

O Estado português pode também assumir um papel crítico no investimento global que é necessário nas regiões do mundo mais afetadas pela crise na educação. Esta geração de alunos arrisca perder o correspondente a 17% do PIB mundial. A evidência mostra que investir entre 10 a 15 dólares, por criança, seria suficiente para recuperar as aprendizagens e reforçar os sistemas de ensino para que as crianças aprendam competências essenciais.

O absentismo e o abandono escolar não são apenas um problema de educação, mas um desafio social, que poderá agravar as desigualdades.

A UNICEF está empenhada em promover o acesso equitativo e uma educação de qualidade para todas as crianças, em particular as que, por questões de género, condição, situação socioeconómica, etnia ou língua, estão excluídas da escola. Pela primeira vez na história, temos mais crianças a não aprenderem na escola, do que fora dela.

A educação e os resultados da aprendizagem são centrais para que as crianças tenham sucesso no futuro.

**O NÃO REGRESSO À ESCOLA CHEGOU.
E a violência infantil é uma realidade.**

